

A Pandemia e os Cuidados pela Vida – Apresentação

Apesar de todas as dificuldades vividas nos últimos meses por causa da pandemia pelo novo Coronavírus, as economias que produzem incessantemente a vida estão a funcionar na sua máxima capacidade para proteger, alimentar, abrigar, curar, cuidar, produzir alimentos, limpar, participar, enfim, encantar e realizar a vida. E elas são economias sustentadas por diferentes mulheres e que vivem realidades distintas no nosso pluriverso (Escobar, 2017).

A fim de enriquecermos os diálogos Sul-Sul propomo-nos desenvolver nesta edição especial 11(onze) reflexões feministas que, a partir de diferentes linguagens e regiões do mundo analisam a pandemia, os seus impactos e as resistências levadas a cabo por mulheres a partir de uma perspectiva antipatriarcal, anticapitalista e anticolonial. Assim, num diálogo feminista entre as potencialidades presentes nas práticas do corpo-a-corpo diário da vida desses seres-mulheres, que criam e reinventam suas histórias em seus espaços de existência e enfrentamentos temos os seguintes objectivos ao propor esta edição. O primeiro é apresentar uma reflexão feminista que questione a perspectiva biomédica-económica da pandemia propagada em larga escala pela ordem capitalista. O segundo, é reforçar a inovação e a potência das (re)existências feministas em curso.

O fenómeno da infecção pelo novo Coronavírus que, segundo a Organização

Mundial da Saúde (OMS), de dezembro de 2019 a 24 de maio de 2021, já tem confirmados cerca de 167 252 150 casos e 3 467 663 mortes¹ em escala global, manifesta a rapidez da sua disseminação no mundo. Além disso, ficou patente a acentuada e trágica profundidade das desigualdades presentes no mundo, a permanência das vulnerabilidades da maioria das populações, as discriminações e as violências impostas às mulheres de todas as idades e de todos os cantos do planeta.

Em que pesem os números impactantes e os discursos biomédico-económicos, salientamos a ausência de reconhecimento dos conhecimentos e das práticas realizadas por todo o tipo de mulheres que enfrentam a esse cenário pandémico, diariamente, em suas vidas. Sabemos que nem todas as mulheres e meninas sofrem com a mesma intensidade, nem enfrentam em igualdade de condições as consequências desta e das outras pandemias e crises. Contudo, é bom lembrar e afirmar que a experiência milenar das mulheres nos tem ensinado que não importa a crise, a calamidade ou a tragédia, elas são sempre as mais atingidas, as menos protegidas e as que menos são chamadas a decidir como enfrentar os problemas e a encontrar soluções justas e adequadas (Federici, 2004). As experiências e transformações contrárias à ordem do sistema económico neoliberal contemporâneo, mantenedor do capitalismo financeiro e extractivista

¹ Disponível em <https://covid19.who.int/>. Acesso em 25.05.2021

hegemónico, por si só, traduz-se num sistema que é uma guerra permanente contra a vida (Shiva, 2013).

Neste sentido, argumentamos que é necessário conhecer mais e melhor as experiências, as práticas e os conhecimentos com que as diferentes mulheres, sobretudo as do Sul não-imperial, com que estão a lidar no contexto da pandemia que tem gerado mais empobrecimento, racismo e violências para elas.

É importante clarificar que ao chamarmos para esta reflexão as práticas e racionalidades de mulheres do Sul-não imperial queremos afirmar duas coisas, a nosso ver fundamentais. A primeira é reconhecer as nossas ainda muitas ignorâncias sobre esse Sul subsumido nas sombras que lhe foram lançadas pelo colonialismo e o racismo; a segunda para melhor poder colocar em evidência o seu dinamismo inventivo, polirracional, criativo e perguntador a fim de compreendermos as possibilidades e as alternativas para um presente e futuro plenos de vida (Korol; Castro, 2016; Mies, 2014).

Pesquisadoras-activistas de três continentes diferentes e diferentes gerações e formação apresentam nesta edição análises feministas sobre diferentes temas e assuntos que se consideram muito relevantes neste contexto actual. A elas vai o meu infinito e sincero agradecimento, em especial à Marcela Uchôa, Teresa Cunha, Cristina

Villar-Toríbio, Luísa de Pinho Valle e Emiliana Marques por terem acreditado, desde o início deste sonho que agora se concretiza com a publicação desta Edição Especial, que as nossas vozes, os nossos pensamentos, as nossas visões sobre a pandemia e sua gestão, os cuidados, a vida, podem trazer contributos necessários e importantes para o enfrentamento desta e de outras crises. Mas também, agradeço-lhes pela entrega, dedicação, pelos conselhos, correções, que me prestaram durante este processo de “gestação” desta escrita. Por estas razões e por tantas outras que não cabem neste espaço, considero este trabalho essencialmente nosso.

Saudações feministas-académicas!

**PAULA LÚCIA SALVADOR
MACHAVA***

Referências

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2017.

FEDERICI, S. **Caliban and the witch**. Brooklyn NY: Autonomedia, 2004.

KOROL, C.; CASTRO, G.C. (Comp.). **Feminismos populares: pedagogias y políticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Fogata Editorial, America Libre, 2016

MIES, M. **Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour**. London: Zed Books, 2014.

SHIVA, V. **Making Peace with the Earth**. London: Pluto Press, 2013.



* **PAULA LÚCIA SALVADOR MACHAVA** é Doutoranda em Estudos Feministas – Centro dos Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Assistente Universitária da Faculdade de Ciências Agrárias

da Universidade Lúrio- Moçambique. É pesquisadora do Projecto Sistemas de Protecção e Garantia dos Direitos Humanos voltados à Infância e Juventude em Portugal, Angola, Moçambique e Brasil- coordenado pela Profa. Dra. Andréa Pires Rocha do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina – Paraná – Brasil. É membro do Grupo de Trabalho Ecologias Feministas de Saberes.